

VENCEDORES DOS CONCURSOS FNLIJ 2016



Representantes do vencedor do 21º Concurso Os Melhores Programas de Leitura, Colégio Marupiara - SP, a bibliotecária Rosa Cleide Marques e o diretor Armando Tachibana, recebem o certificado

Os Concursos da Fundação tiveram seus vencedores divulgados em maio no site www.fnlij.org.br e a cerimônia de entrega dos certificados aconteceu no 18º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, com a presença de quase todos os ganhadores, um motivo de muita alegria para a FNLIJ.

Nesta edição, o *Notícias FNLIJ* apresenta os resumos dos projetos vencedores do 21º Concurso FNLIJ Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura Junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil, os textos do 15º Concurso FNLIJ Leia Comigo! que ganharam nas categorias Relato Real e Ficcional, assim como o resumo dos vencedores do 13º Concurso FNLIJ Curumim – Leitura de Obras de Escritores Indígenas e do 13º Concurso FNLIJ/Inrapi Tamoios de Textos de Escritores Indígenas.

21º Concurso FNLIJ Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura

Prêmio | *Programa Ação Cultural em Bibliotecas: outros tempos, novas formas de ler o mundo* | Responsável: Rosa Cleide Marques | Colégio Marupiara, São Paulo, SP

Um programa que nasce numa escola é sempre bem vindo. *Ação cultural em bibliotecas: outros tempos, novas formas de ler o mundo* foi lançado em 2008, no Colégio Marupiara, SP. A singularidade desta proposta é ter a biblioteca escolar como espaço gerador de cultura e o principal órgão promotor do livro e da leitura. Não é um projeto pontual, nem temporário, é um projeto de leitura literária na escola. Integrando crianças, adolescentes, educadores e comunidade, a escola atende cerca de 700 estudantes de 02 a 16 anos. Diversas ações permanentes são desenvolvidas ao longo do ano: rodas de leitura, biblioteca em ação, hora do conto, cantinhos de leitura, encontros literários e formações. O objetivo maior de proporcionar vivências com obras de literatura infantil e juvenil é confirmado por depoimentos de diversos autores que estiveram ali, para culminâncias de trabalhos com a literatura.

Para receber o certificado da premiação, Rosa Cleide Marques veio ao Rio de Janeiro acompanhada do diretor do Colégio Marupiara, Armando Tachibana, e de uma comitiva de 25 pessoas. *Nosso papel como educador é disseminar esse caminho florido que é o mundo dos livros e da leitura*, declarou ela. O diretor explicou que o colégio teve como fundadores nikkeis (descendentes de japoneses) e que escolheram o nome indígena Marupiara por ser uma escola brasileira. *Escola é o local de saber e qual é a forma que a comunidade encontrou para registrar e guardar o seu conhecimento? É através do livro e por isso a leitura é primordial*, concluiu Armando.

PÁGINA 8
O legado de
Glória Pondé

PÁGINA 10
Adeus a Gian Calvi

PÁGINA 12
ABL premia Ignácio
de Loyola Brandão



Andrea Leal do Projeto Poesia Viva



Ana Vine do Projeto Biblioteca Carijó



Eliana Potiguara entrega prêmio à Rosinere Carvalho



Luana Barth recebe prêmio de Cristino Wapichana

21º Concurso FNLIJ Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura

Menções Honrosas | *Projeto Poesia Viva – a poesia bate à sua porta* | Responsável: Andrea Aparecida Silva Donadon Leal | Mariana, MG

O projeto *Poesia Viva – a poesia bate à sua porta* nasceu em Mariana, MG no ano de 2005 e hoje estende suas ações para crianças e jovens de outras cidades. Um dos objetivos, levar o livro, a leitura e a literatura, não só para escola, mas também para o ambiente familiar, merece destaque. Em um país onde a biblioteca pública ainda é projeto para grande parte da população, ações de incentivo à leitura, que partem da sociedade civil, devem ser divulgadas para orientar políticas públicas. O projeto é realizado por um grupo de escritores e acadêmicos que saem de porta em porta distribuindo seus livros. Já foram distribuídos gratuitamente 42 mil livros.

Ao receber o certificado, Andrea homenageou Ana Carolina, menina de 10 anos moradora de Paracatu de Baixo, que ao receber aviso para abandonar sua casa quando a barragem de Mariana rompeu, levou apenas os livros que ganhara do projeto.

Projeto Biblioteca Carijó | Responsável: Ana Vine | Bocaina de Minas, MG

Por iniciativa pessoal de Ana Vine, artista plástica e arte-educadora, a Biblioteca Carijó (comunitária) foi criada na pequena cidade de Bocaina de Minas. Diferentemente de outras, esta só abre aos sábados, quando a biblioteca escolar não funciona.

Um pequeno e bom acervo de 300 livros faz-se acessível com a missão de fortalecer o hábito de leitura em toda a comunidade. Nessa localidade onde vivem cinco mil habitantes, 200 são cadastrados na Biblioteca Carijó. São os próprios leitores que preenchem as fichas individuais de retirada de livros e a avaliação é feita através de uma ficha que busca mostrar o interesse pelos livros disponíveis. O projeto é mantido com a troca de latas de alumínio e ajuda de amigos.

Ana Vine terminou sua fala na cerimônia declarando: *A mensagem que fica é: a educação se não é compartilhada não é educação, a cultura se não é compartilhada não é cultura e o livro se não é compartilhado não é livro.*

13º Concurso FNLIJ Curumim – Leitura de Obras de Escritores Indígenas

Prêmio | *Contos Indígenas: Do meio da aldeia para o mundo da escola* | Rosinere Evaristo Carvalho | Seropédica, RJ

Em um texto bem estruturado e fundamentado, conta a experiência de uma professora de História da Arte e suas turmas do 4º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, de uma escola privada na cidade de Seropédica, RJ. Segundo a autora, o encontro desses alunos com a literatura indígena por meio de obras de diferentes escritores possibilitou a construção do senso crítico sobre alguns livros didáticos que tratam a cultura indígena com abordagens equivocadas, entre muitas outras descobertas.

Menção Honrosa | *Saberes indígenas na escola: o olhar do indígena e seu protagonismo através da literatura* | Luana Barth Gomes | Porto Alegre, RS

O trabalho “Saberes indígenas na escola: o olhar do indígena e seu protagonismo através da literatura” foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre, no centro da cidade de Porto

Alegre, RS. Sua clientela é composta de jovens e adultos em situação de risco social e pessoal.

Primeiramente foi feita a leitura de trechos selecionados do livro “Meu avô Apolinário: um mergulho na (minha) memória”, de Daniel Munduruku, Editora Studio Nobel, a fim de suscitar um debate sobre a ancestralidade dos alunos. O trecho em que o autor afirma que quando era criança tinha raiva de ser índio propiciou ótimas discussões e posicionamentos, embora no início tenha havido muita dificuldade para eles se manifestarem. Aos poucos foram expondo seus pensamentos, e em diálogos interessantes, os alunos tiveram seus nomes substituídos por nomes Kaingangs.

Foi um trabalho muito importante na vida destes alunos, pois proporcionou o contato com aspectos das culturas Kaingang e Munduruku.

Pode-se observar uma modificação da visão dos estudantes em relação aos indígenas, partindo do reconhecimento de semelhanças e diferenças entre suas histórias de vida e a dos indígenas.

Vencedor | *Titinhan Puri. A Vovó Puri.*

Adriano Toledo Paiva | Belo Horizonte, MG

Histórias ancestrais trazidas por uma avó indígena voltam aqui escritas com delicadeza. Seu jeito de cuidar dos filhos e dos netos, o primeiro banho de cada um, o umbigo enterrado na terra onde moravam. E o orgulho de falar da sua origem nativa esteve sempre presente no dia a dia. Passado o tempo, ela não se recorda de memórias antigas, nem de nomes, lugares nem paisagens. A voz do neto registra fragmentos da história de uma família de origem ancestral.



Vera Kauss e o vencedor Adriano Toledo Paiva

Relato Real

A Herança e a partilha | Ana Elisa Ferreira Ribeiro | Belo Horizonte, MG
Menino Maluquinho encontra a Menina dos Fósforos | Sol Marins Cortez de Mendonça | Rio de Janeiro, RJ

Relato Ficcional

Vende-se amor | Juliana Galvão Borel | Rio de Janeiro, RJ
Vovó viu o livro | Antonella Flavia Catinari | Rio de Janeiro, RJ

A seguir, os textos vencedores.

15º Concurso FNLIJ Leia Comigo! | Relato Real

A herança e a partilha

Relato de situação real, com apresentação de leitura partilhada entre adultos e crianças/jovens por Ana Elisa Ribeiro

Há anos venho cultivando, aqui e ali, de um jeito e de outro, uma biblioteca. Comecei pedinte: “Mãe, compra?”, o que surtia sempre bom efeito. Ali dei início à empreitada mais cara, provavelmente, da minha vida. Cara, sim, mas sem qualquer sombra de arrependimento. Comprar livro jamais me pareceu um desperdício.

Sem pensar muito na tecnologia predominante, na máquina hegemônica ou na marca do software, fui juntando meus desejos em prateleiras, ora brancas, ora cor de café. Incluem-se entre meus quereres as próprias estantes, que chegaram leves e se tornaram pesadas e firmes. Os livros, além de outras coisas, ajudam a estabelecer parafusos e a fincar pés. As estantes foram sendo necessárias, já que os livros foram ficando incontidos.

Há décadas venho juntando o resultado das minhas leituras, sejam elas passadas ou futuras. Pedi o que os professores indicaram, pedi o que ninguém me contou, pedi o que ouvi falar que era bom, pedi o que cisme de conhecer, pedi o que ninguém me deu. Chega uma hora em que é importante dar passos com meus próprios pés, comprar meus próprios livros, sem dar desculpas a ninguém. Um risco: se a escola não pediu, pra que serve? Não me venham com isso. É o leitor que manda, quando ele pode. E eu queria mandar.

Bem, das indicações escolares aos desejos íntimos, surgiu, então, parte do aparato que sustentou minha vida. Sem exagero, é a vida que está ali, atrás das lombadas. E então, quando vi que pedir à mãe já não cabia, parei de lanchar, que era um jeito diet de ler mais e continuar cultivando minha imaginação; continuar regando a alma; continuar oferecendo insumo ao que eu ainda iria escrever.

Formada minha biblioteca, sempre em expansão, seja ela impressa ou virtual, resolvi, depois de me tornar mãe, fazer algo parecido pelo meu filho, ainda sequer leitor. Com a vantagem de conhecer autores e de ganhar livros de presente (muita vez autografados), comecei a compor a estante do meu guri. Não sei se ele a querará, nem sei se ele sabe o que ela significa, mas ele já gostava de capas e lombadas coloridas.

Comprei uma pequena estante multicolor para alojar o leitor que eu tinha certeza de ter parido. Não é possível? Será que não? O

que seria de mim sem isso? Que herança verdadeiramente deixar? Melhor fazer minha parte. E fiz. E faço.

Passsei alguns anos cultivando certa ansiedade. Por algumas vezes, cheguei a engolir certa vontade de chorar ao ver o menino aprendendo o alfabeto, sendo apresentado à leitura. Ficava ali, espreitando cada investida dele sobre o texto, cada passo que ele dava em direção às palavras escritas. Não forcei, mas deixei claro que havia estantes à disposição. Acesso não é tudo. Acesso é só uma porta aberta. Não é pouco, no entanto. Mas é preciso querer entrar.

Cheia de um ambiente propício, dona de um jardim de livros, autora de outros, chegou o dia de ver meu filho entender uma história escrita. Não foi fácil. Como é complicado aprender a ler! Como é digno chegar ao sentido. Fui acompanhando, sem alarde, as conquistas do garoto, que não demonstrava pela escrita o mesmo interesse que eu, mas que se esforçava por compreender a operação que abria os caminhos da literatura e de tudo o mais que se quisesse aprender.

Há anos venho lendo à noite para meu piá. Há anos participo, com ele, daquele ritual da escolha de um livro, da luz do abajur, de recostar na cabeceira da cama, de ter um bom edredom onde esquentar os pés, de assumir o controle do ritmo da história, de mostrar gravuras e a bela ilustração, de admirar-me com ele dos rumos da narrativa, dos sustos da poesia. Lá íamos nós, sempre comigo à frente, com o livro aberto nas mãos, esperando o sono chegar.

Passamos anos, eu e meu menino, reiventando histórias, relendo coisas engraçadas, tecendo tramas. Anos sendo a leitora oficial do campeonato, a voz que traduzia letra em encanto. Até que chegou o dia.

Poucas vezes me dei conta de uma alegria tão imensa e tão sensata. Foi assim: escolhemos o livro, sentei-me na cama, ajeitei-me sobre os travesseiros, cobri meus pés e concentrei-me no volume que eu mesma segurava. Ele, por sua vez, ajeitou-se do mesmo modo de sempre, ao ponto de eu não perceber diferença em sua intenção. Quando eu ia começar a leitura, meu guri assaltou-me. Tirou-me das mãos o livro e, com firmeza, ordenou: “deita, mãe. Hoje EU vou ler para você”.

E cumpriu, não sem alguma dificuldade, a proposta linda que nos fizemos desde sempre: a de compartilhar palavras, agora em mão dupla.

Menino Maluquinho encontra a Menina dos Fósforos

Relato de situação real, com apresentação de leitura partilhada entre adultos e crianças/jovens por Sol Mendonça

Vicente tinha cinco e Inácio, três anos completos.

Sobrinhos muito amados. Sempre leio para os dois.

Sinto que eles me veem como “a tia que vem aqui ler pra gente”. Sempre pedem, mostram os livros novos, querem que eu releia os preferidos de cada um, disputam para ver quem vai escolher as histórias do dia. O texto flui sem interpretações, e eles gostam assim, se envolvem com a narrativa, entendem os enredos, percebem quando um e outro personagem ou o narrador estão falando. Sem voz esganiçada para mulher, grossa para homem ou tatibitate para criança. Ah, eles adoram, sim, uma gargalhada de bruxa! Morrem de medo da bruxa, riem da tia.

Para o Vicente, certa vez, li o original do meu segundo livro, o “Lá no meu quintal”. Sentados no banco detrás do carro, ele, com três anos, atento. Não tinha ilustração nenhuma, só o texto. E, pasme, eu lia o arquivo pelo celular. No final, surpresa! “Tia, por que você fez a tia do menino tão má?”

Meu outro sobrinho, o Inácio, desde que sabe andar e tem força para carregar peso usando suas próprias mãos, vai à estante, escolhe o que quer, chega perto de mim e ordena: “Leia!”. Tem preferência pelos grossos e pesados. Uma vez, me trouxe o Código Civil todo feliz, acho que não tinha feito nem dois anos: “Leia!”. É súplica, ordem, pedido. Olha para mim apertando os olhos, sério, ansioso.

Antes mesmo de sentirem o que é ler, meus sobrinhos são leitores vorazes, interessados, valorizam as palavras. Gostam de ilustrações, mas sempre questionam quando não veem além do que o texto está dizendo. Isso é mágico!

Um dia, em uma noite em que eu lia um livro atrás do outro para eles, enquanto jantavam, Vicente avistou, na prateleira, “O Menino Maluquinho”, do Ziraldo. Foi à estante da sala, onde os livros dos pais moram junto com os dos filhos, e trouxe o volume encapado, páginas manchadas e amareladas.

– Olha, tia! Sabia que esse livro é velho porque era do meu pai, da Tia Helena e do Tio Antonio? De quando eles eram pequenos! – disse o Vicente – Agora é nosso!

– Eu também tenho o meu guardado! – falei.

Comecei a ler:

– “Era uma vez um menino maluquinho. Tinha o olho maior do que a barriga. Tinha fogo no rabo. Tinha vento nos pés...”

Contei a ele que de tanto ler, sabia algumas partes de cor. O Ziraldo era padrinho do Clube de Leitura da minha escola e, vez em quando, ia lá ler com os alunos, eu inclusive. Disse que virei escritora por causa de gente como Ziraldo.

– Eu também sei uma parte, tia – Vicente falou – Já li muitas

vezes esse livro! – Me mostrou: “E macaquinhos no sótão...”.

Olhei para a mãe deles e me lembrei de quando eu lia “O Menino Maluquinho” para ela. Eu, com 12 anos, minha irmãzinha com quatro. Agora os meninos dela! O mesmo exemplar do livro que os avós do pai e dos tios leram! Quanta emoção!

De repente, não consigo mais evitar e sou tomada por uma coceira no nariz e um frio na barriga. É uma das melhores sensações que se pode ter, juro.

Os meninos percebem o clima. Minha irmã ameaça rir de mim.

“Por que você está chorando, tia?”

“Ela está emocionada com o livro”, Marina fala, enquanto as minhas lágrimas pulam de galho em galho, olho em nariz, e escorrem para minha boca. Não enxugo. Não nada.

Eles não perguntam mais, investigam, admirados, a mais nova descoberta sobre os livros. Os pequenos olhos riem. As dúvidas estão vivas, brilhantes, mas eles guardam como tesouros.

Não sei se a voz trêmula da tia os perturba, mas tento não descompassar o ritmo da leitura, consciente de que eles estão sorvendo o mistério.

Olho para eles quando o livro chega ao final, que eles já conhecem.

Repito a palavra. Feliz.

Choro com vontade. Minha irmã liberta a gargalhada. O Inácio olha para a tia. Imita neném chorando.

Vicente guarda O Menino Maluquinho e já vai trazendo outro, escondendo o jogo, um sorriso sacizeiro que, sinceramente, quero guardar para sempre na memória cada vez que for ler para um maluquinho.

Vicente abre o livro dos contos do Andersen e pergunta:

“Tia, agora você quer ler para mim a da menina vendedora de fósforos?”

E lá vai a tia, com os olhos ainda ardidados, ler a história da Menina dos Fósforos, um dos contos mais tristes recolhido e recontado por Andersen, no começo do século xx. Sai o menino feliz e entra em cena uma menina que, na noite de Natal ou de Ano Novo, perambula pelas ruas no inverno europeu, descalça, sem pai nem mãe, sem comida, tentando vender caixinhas de fósforos.

Obviamente que ninguém compra nada e a menina segue, gélida, famélica e sozinha. Depois de sofrer bastante, a menina resolve usar palitinhos de fósforo para se aquecer e, então, eis que ela começa a ver algumas cenas.

Primeiro, ela vê mesmo o interior das casas ricas ao redor, com suas imensas ceias fartas e lareiras acesas. Até que, depois de acender uma caixa inteira de fósforos e, obviamente, não se aquecer, ela tem uma visão da avó, que já morreu obviamente. E o grand finale, pobre tia leitora em prantos, é a Menina dos Fósforos reencontrando sua falecida avó e, enfim, se aquecendo junto às estrelas brilhantes do céu.

Não queria chorar, tia?

Vende-se amor

Relato em forma de ficção, cujo tema seja uma situação de leitura partilhada por Juliana Galvão Borel

O dever de casa daquele primeiro dia de aula tinha sido claro: escreva sobre algum livro que tenha lido durante as férias. A empolgação inicial logo deu lugar à preocupação. O livro que tinha lido havia me embaralhado um pouco e deixou três perguntas em ciranda dentro de mim.

Também, foi a primeira leitura que fiz por mim mesma, quer dizer, ninguém me deu aquele livro. Ele estava lá, entre os volumes que a mãe recebia de doação pra biblioteca da rua. Ela sempre me deixava pegar um ou outro, mas dessa vez não me ajudou a escolher. Então, peguei esse. Estava bem escondido, embaixo de um livro grosso com uma baleia na capa. Me chamou atenção a ponta azul que escapava ao peso da baleia.

Puxei o livro e me apaixonei pelo desenho da capa e pelo nome do autor na mesma hora. Gabriel seria o nome do meu filho um dia.

Animada, comecei a leitura de imediato, mas as dúvidas logo começaram a dançar estranho aqui dentro. Escorregavam de fininho da cabeça até o peito. Mas fui até fim. Depois, deixei o livro lá, na cabeceira da cama, como que esperando o dia pra trazer as perguntas de volta.

Encorajada pela tarefa da escola, catei o livro e sai em busca de um adulto que pudesse me explicar. Meu pai, sempre muito ocupado, pediu que eu perguntasse à minha mãe, que disse que meu pai explicaria melhor. Recorri então à pessoa mais legal da família: a avó.

Ao pegar o livro, ela apertou os olhos e falou:

– Desenho bonito esse da capa, parece até eu – e deu uma gargalhada pra lá de bonita. Tinha jeito de sino, sabe? – Mas esqueceu? Vovó não sabe ler. Lê pra mim, vamos.

Orgulhosa, entonei a voz e comecei. Entre uma frase e outra, olhava escondido pra ela só pra ver a reação. Parecia bem concentrada em cada palavra que eu dizia. Continuei.

A vó ria em algumas partes e em outras ficava com o rosto engraçado, bem

franzido. Teve até uma hora que ela interrompeu assustada:

– Tem certeza que esse livro é pra criança?

– Ué, vó, tem uns desenhos bem bonitos aqui, olha – mostrei uma ilustração. – Não é linda?

Vovó examinou o livro.

– Continue, continue. Antes que seus pais interrompam.

Em alguns minutos terminei e já fui emendando as três perguntas.

– Calma, menina. Deixa a vó colocar as ideias no lugar.

Ela respirou fundo e demorou mais uns bons minutos pra responder. Fui ficando impaciente e achei logo que ela não tinha entendido, como eu.

Finalmente olhou pra mim.

– Pergunta.

– Não entendi qual é a profissão dela. O que é puta?

Vovó suspirou.

– Maria dos Prazeres é prostituta.

– O que é isso?

– É uma moça que ganha dinheiro dando amor aos homens.

– Tipo como a mamãe dá pro papai?

Não entendi porque ela riu, mas foi logo se explicando:

– Não. Sua mãe não ganha dinheiro pra amar seu pai. Maria dos Prazeres vende amor.

– Eita, vó. Nem sabia que a gente podia vender isso. Mas até que é bonito. Qualquer um pode vender, pode ficar rico assim?

– Qualquer um pode vender, mas é difícil ficar rico. Quem vende amor é quem menos recebe.

– Então como é que tem pra vender? Da onde que a Maria dos Prazeres tira esse amor?

– Tem gente que nasce pra se doar, que consegue ser feliz, mesmo quando tudo vai contra. Maria é dessas pessoas.

– Hum... tá bom. Ainda tenho duas perguntas.

– Diga.

– Por que ela tem essa coisa de ficar esperando a morte, de querer comprar uma tumba? Lá na escola, a irmã da aula de religião vive repetindo que a vida é nosso maior presente. Ela não tinha que querer viver pra sempre?

– Ah, meu amor, Maria dos Prazeres é como a vovó, muito, muito velha. A vida já valeu a pena. Chega uma hora que a morte vira só mais uma fase.

– Pra todo mundo?

– Pra todo mundo que entende que a vida também é só uma fase.

– Você tá esperando a morte, vovó? – fiquei meio assustada com aquele papo.

Ela sorriu.

– Não precisa se preocupar. Não vou embora tão cedo.

– Ah bom, porque eu ainda tenho uma última pergunta. Quem é esse homem no final? Ele é mais um comprador?

Ela abriu a boca umas três vezes e desistiu. Coçou a cabeça, abriu a boca mais uma vez e não disse nada. Por fim, olhou pra mim:

– O que você acha?

– Eu acho que é mais um comprador, mas acho que ele quer ser o último, sabe? Tipo levar a Maria pra viver com ele, fazer umas viagens, conhecer, sei lá, a Disney.

– Então acho que ele pode ser isso, se você acha que ele é.

– Mas e você? Acha o quê?

– É... eu também acho que ele quer ser o último comprador.

Sorri satisfeita.

– Obrigada, vó. Acho que agora já posso escrever a redação pra escola.

– Maravi... Espera, pra escola? Bem, nesse caso, acho melhor você usar o nome que a vovó te falou pra profissão da Maria: prostituta. Essa palavra aí do livro é... digamos... é meio desconhecida, a professora pode não entender.

– Tá bom! Acho que vai ser o título.

Não ouvi o que ela gritou enquanto corria pra escrever a redação.

No dia seguinte, fui a terceira aluna a me apresentar para a turma. Estava bastante ansiosa e meu coração deu um solavanco quando a professora disse meu nome. Andei até a frente da sala, com o papel nas mãos e comecei:

A vendedora de amor

Ela estava embaixo da baleia, doida pra vender mais um pouco de carinho...

N.A.: O texto faz referência ao livro Maria dos Prazeres, de Gabriel García Márquez.

Vovó viu o livro

Relato em forma de ficção, cujo tema seja uma situação de leitura partilhada por Antonella Flavia Catinari

Foi com Ivo que comi as uvas da Vovó e aprendi a ler. Isso se deu quando eu era bem pequena. Num tempo do qual não tenho muitas lembranças concretas, mas, sim, cheiros, sabores, sensações.

Esse momento em que comecei a ler, por exemplo, é ainda vivido como uma mágica. Por mais que todos os alfabetizadores, pedagogos e outros tantos estudiosos debatam e analisem o tema, a verdade é: ninguém ainda conseguiu descrever como se dá aquele instante preciso em que algo que até então não fazia o menor sentido se transforma na porta aberta para um outro universo: a aprendizagem da leitura.

Eu adoraria reviver essa experiência, daria tudo para isso. Gosto até de brincar de que não sei ler quando tenho a oportunidade de me deparar com um texto em algum idioma bem distinto do português. Mas não funciona muito bem, não. Como já vivencio conscientemente o processo, a brincadeira perde a graça. Falta aquele olhar da primeira vez.

Minha professora no ano em que aprendi a ler chamava-se Dona Margarida. Naquele tempo, as professoras eram Donas e Senhoras, nada de tias e vocês. Mas isso não significa que ela não fosse simplesmente venerada por mim. Uma das sensações prazerosas da escola era a de me perder no brilho do reflexo do sol nos longos cabelos castanho-claros de Dona Margarida. E eu sonhava que, quando crescesse, iria ser igual a ela: linda, boa e sorridente. Julgo-me completamente desautorizada a afirmar se o tal sonho se concretizou ou não.

Aprender a ler veio também com dois outros prazeres sensoriais. Um, o gosto do café com leite morninho servido na hora da merenda num copo de plástico azul. Nunca mais, em lugar nenhum, consegui tomar um café com leite que se igualasse àquele. Eu já até desisti de procurar; será em vão essa demanda. O outro, o cheiro da goma que minha avó

preparava para engomar as fitas com que fazia os laços de minhas marias-chiquinhas para ir à escola. Eu ficava absorta vendo aquelas fitas começarem tão molengas e depois ficarem tão durinhas e se transformarem naqueles laços imensos que ficavam parados no ar enquanto eu caminhava até a escola. A minha preferida era a fita azul celeste. Não sei se pela cor exatamente ou por imaginar que pudesse carregar um pouco do céu nos meus cabelos.

Nessa época, morávamos muitas pessoas no mesmo apartamento: minha avó, minha mãe, minha tia Júlia e meu tio, meus primos e minha outra tia, a Violeta. Além de mim, é claro. Eu dividia um quarto com minha mãe, minha avó e essa minha tia Violeta. Era um apartamento de dois quartos e o movimento era incessante. Hoje sei exatamente em que situação econômica a família se encontrava, mas, para uma criança, nada disso tinha importância se ela se divertia, recebia atenção e não faltava comida à mesa.

Minha mãe, meu tio e minha tia Violeta trabalhavam o dia todo, assim eu mal os via. Meu primo mais velho estudava num colégio interno, o outro era um bebê. Minha tia Julia se ocupava da casa e do bebê. Dessa forma, quem ficava comigo e foi minha grande companheira era minha avó.

Em nossa casa havia pouquíssimos livros. Nem Bíblia existia, porque era uma família comunista, então nada de ópio do povo dentro de casa. Lembro-me de uns livros grandes, de capa dura e verde, cheios de figurinhas, com umas páginas com grandes imagens coloridas, que eu adorava mesmo antes de saber ler, exatamente por conta das ilustrações. Depois vim a saber que eram enciclopédias compradas por meu avô, — que não cheguei a conhecer —, antes de falecer e consistiam no maior tesouro de minha avó.

Por conta disso, as primeiras histórias que ouvi quando criança não eram as que estavam nos livros, mas as que minha avó trazia consigo desde sua infância, mescladas aos causos escutados nos anos em que viveu numa fazenda no interior do Uruguai, em plena pampa, em meio a

contos de valentes “gauchos” (assim sem acento mesmo!) e intrépidos “charruas”, os indígenas que povoavam aquelas terras e que foram dizimados. Histórias de cavalgadas e assombrações, donzelas traídas e abandonadas, crianças raptadas por lobos e pumas. Eu as escutava com um misto de terror e êxtase, ao mesmo tempo torcendo para que elas terminassem e eu fosse dormir e para que elas não findassem jamais e eu pudesse viver naquele tempo tão diferente de tudo o que eu conseguia imaginar. E as histórias invadiam meus sonhos, às vezes em forma de pesadelo, às vezes em forma de sonhos lindos que eu transformava em desenhos no dia seguinte.

Quando aprendi a ler, um certo dia, porém, minha avó, ao me ver maravilhada com a nova descoberta, disse que iria me levar a um lugar muito especial: a biblioteca municipal de nosso bairro. Soube depois que ela havia comentado com uma vizinha que eu aprendera a ler e a tal vizinha a aconselhara que fizesse isso. Ao chegarmos lá, achei aquele lugar a maravilha das maravilhas, ou “o suco dos sucos”, como eu viria a dizer depois de ser apresentada a uma tal menina do nariz arrebitado. Um monte de livros, de todos os tamanhos, formas, cores ali me esperando, ávidos para que eu os escolhesse e os retirasse daquela vida pacata e poeirenta das estantes. A moça da biblioteca perguntou se eu sabia ler direitinho e me deu um volume dizendo que eu iria gostar muito daquele livro.

Que moça sabida! Acertou em cheio. Comecei a ler Reinações de Narizinho e não conseguia mais parar. Eram horas a fio devorando aquelas aventuras, rindo às gargalhadas com as primeiras palavras de Emília, amando de paixão aquela avó quase tão maravilhosa como a minha, desejando que meu primo fosse igual ao Pedrinho. Minha avó começou a ficar cismada. Me chamava para ir à praça brincar, mas eu só aceitava se a turma do Sítio fosse junto. Me chamava para fazer cocada preta com ela e eu demorava a chegar à cozinha porque faltava sempre mais um pouquinho para terminar aquele capítulo.

Até o dia em que ela me flagrou aos prantos num canto da casa com o livro no colo. Engolindo lágrimas e o que escorria do nariz, acabei desembuchando o que me deixava tão infeliz: é que o livro ia acabar. Faltava pouquinho e eu ia ficar sem aqueles amigos para sempre. Foi quando ela teve aquela ideia genial (as avós são a melhor invenção da humanidade!): por que eu não lia para ela em voz alta o livro todo de novo? Eu achei aquela proposta meio maluca, mas ela me disse que, como ela era uruguaia e o Lobato

era brasileiro, ela nunca tinha lido os livros dele.

Topei. E assim começamos uma nova história. Agora era a neta quem lia as histórias de Dona Benta e seu Sítio para a avó. Que ouvia encantada e se divertia da mesma forma que a neta, voltando à infância de sua fazenda por meio das estripulias de Emília e companhia. Naquele tempo eu nem desconfiei. Fiquei achando durante um bom período que ela tinha inventado aquilo tudo só para me agradar e arranjado uma maneira de que

eu ficasse mais um tempo com o livro tão amado. Só muitos anos mais tarde fui conhecer a verdade por trás de tudo. Minha avó era analfabeta. Mal sabia assinar o nome. Criada no interior do interior, numa família tradicional, em que mulher não precisava ler, ficou assim.

Mas Monteiro Lobato veio mudar tudo isso. Com vontade de ler por sua própria conta os livros para adultos do meu autor preferido, ela também começou a juntar as letrinhas e a magia aconteceu. Mas essa já é outra história.

Vencedores do Concurso FNLIJ Leia Comigo! presentes na entrega do prêmio



Sol Marins Cortez de Mendonça - Relato Real

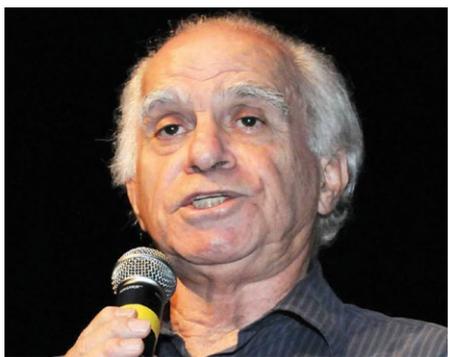


Juliana Galvão Borel - Relato Ficcional



Antonella Flavia Catinari - Relato Ficcional

Ignácio de Loyola Brandão recebe prêmio Machado de Assis, da ABL



A Academia Brasileira de Letras entregou o Prêmio Machado de Assis, em novo formato, ao romancista Ignácio de Loyola Brandão, em cerimônia no Salão Nobre do Petit Trianon, no dia 20 de julho. A data marca a fundação da ABL, que comemorou 119 anos na cerimônia.

A premiação da ABL era dividida em várias categorias literárias até 2015. A partir deste ano, apenas o Prêmio Machado de Assis, sempre em homenagem ao conjunto da obra do vencedor, passa a representar a Academia.

Loyola Brandão, nascido em Araraquara em 1936, começou sua carreira como jornalista. O primeiro romance publicado foi *Bebel* que a Cidade Comeu, em 1968. Na década de

70 passa por várias publicações, como *Cláudia*, *Realidade e Planeta*; e lança o romance *Zero* e o livro-reportagem *Cuba de Fidel: viagem à ilha proibida*, entre outros. Em 1981, sai o premiado romance *Não verás país nenhum*.

O escritor também se dedicou à literatura infantil e juvenil, publicando as obras *Cães danados* (1977), reescrito e publicado como *O menino que não teve medo do medo* (1995), *O homem que espalhou o deserto* (1989), *O segredo da nuvem* (2006), Global, *O Menino que Vendia Palavras* (2008), Objetiva, *O Menino que Perguntava* (2011) e *A morena da estação* (2011), Moderna, vencedor da categoria Jovem do Prêmio FNLIJ de 2012.

A FNLIJ parabeniza o escritor pela importante premiação.

O legado de Glória Pondé

Nos dez anos de falecimento de Glória Pondé, sua irmã, Ligia Vassallo, se uniu à FNLIJ para lembrar a data, que foi marcada na Cerimônia de abertura do 18º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, com a entrega da placa homenageando a professora para sua irmã.

Durante o evento, Fundação realizou mesas nos Encontros Paralelos FNLIJ/Petrobras para lembrar a carreira da respeitada professora, que também teve a presença de Ligia. Na abertura, Isis Valéria, Presidente da FNLIJ, lembrou a longa amizade com Glória e, na primeira mesa, Andrea Borges Leão, socióloga e professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará – UFC apresentou um estudo sobre a obra da professora. O encontro registrou a visão de suas parceiras de trabalho, as professoras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ Elizabeth Vasconcellos, Luci Ruas e Rosa Gens, além de Margareth Mattos, da Universidade Federal Fluminense – UFF; e também de suas alunas, as professoras Georgina Martins, da UFRJ, Jurema José de Oliveira, da Universidade Federal do Espírito Santo / Ufes e Rosa Cuba Riche, do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP / UERJ. A escritora Marina Colasanti e o escritor Rogério Andrade Barbosa falaram sobre a importância de Glória como crítica da Literatura Infantil e Juvenil.

Graduada pela Faculdade de Letras da UFRJ, onde também fez seu mestrado e doutorado em Literatura Brasileira, com enfoque na literatura infantil, Glória atuou na FNLIJ como colaboradora desde 1978, quando ministrava cursos de literatura infantil e juvenil em vários estados do país. Ela também fez parte da equipe da Ciranda de Livros e de pesquisas desenvolvidas pela FNLIJ, vindo a prestar assessoria à FAE/MEC para a fundamentação do projeto Salas de Leitura.

Alguns dos cursos e palestras realizadas pela professora nesse período foram:

SEMINÁRIO SOBRE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E REALIDADE E CURSO DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA, em

Teresina, no ano de 1978. O primeiro teve assessoramento técnico da FNLIJ.

LITERATURA INFANTO-JUVENIL E REALIDADE, nas Faculdades Integradas Estácio de Sá e um curso de literatura infantil e juvenil promovido pelo SESC de Niterói em 1979.

POR UMA TEORIA DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL organizado pelo Departamento de Ciência da Literatura, da Faculdade de Letras da UFRJ, e FNLIJ, em 1980.

CURSO SOBRE LITERATURA INFANTIL no Museu Histórico Nacional, promovido pela Mudes em convênio com a FNLIJ, em 1981.

CURSO SOBRE LITERATURA INFANTIL em João Pessoa, promovido pela FNLIJ e pela Fundação Espaço Cultural da Paraíba e da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba, ministrado junto com Rejane Carvalho de França, em 1983.

A professora escreveu a apresentação do 2º volume da Bibliografia Analítica da Literatura Infantil e Juvenil, organizada pela FNLIJ. A publicação teve coordenação de Laura Sandroni, além de contar com o assessoramento de Glória e compreendeu o período de 1975–1978, apresentando 1.890 títulos que chegaram à Fundação. A publicação traz também um balanço da produção dos livros para crianças e jovens e um estudo sobre as faixas de interesse e fases de crescimento da criança.

Após a saída de Laura Sandroni da FNLIJ em 1984, Glória Pondé a sucedeu como Diretora Executiva da instituição, permanecendo no cargo até 1986.

Para lembrar os anos de Glória à frente da Fundação, o *Notícias FNLIJ* destaca algumas ações e eventos da época:

Em 1985, houve a continuidade do projeto Ciranda de Livros, iniciativa conjunta entre a FNLIJ, a Fundação Roberto Marinho e Hoechst do Brasil, com o lançamento da quarta edição. O projeto nesse ano também levou cursos em várias escolas e bibliotecas. Sob a coordenação de Glória foi concluído o estudo sobre os livros escolares mais utilizados pelos professores da rede municipal do Rio de Janeiro. No mesmo ano, a participação da FNLIJ em



Glória Pondé, representante do Proale/UFF, vencedor do 1º Concurso Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura em 1994, e Carlos Augusto Lacerda, presidente da FNLIJ



Isis Valéria, Elizabeth Serra e Ligia Vassallo na cerimônia de abertura do 18º Salão do Livro



Andréa Leão e Ligia Vassallo nos Encontros Paralelos FNLIJ/Petrobras

congressos, encontros e feiras durante o ano foi intensa e a instituição organizou o I Congresso Brasileiro de Literatura Infantil e Juvenil em conjunto com a Fundação Mudes e a Universidade Federal Fluminense. Outros eventos que a Fundação participou foram III Encontro de Especialistas de Literatura Infantil e Juvenil, em Niterói, 2º Seminário de Literatura Infanto-Juvenil em Vassouras, 1º Encontro de Literatura Infantil promovido pela Fundação Cultura do Estado da Bahia e do XII Encontro de Literatura Infantil e Juvenil e Educação para professores de 1º grau organizado pela Editora Ebal. A FNLIJ também esteve presente na II Feira Internacional do Livro do Rio de Janeiro, no São Conrado Fashion Mall, no estande montado pela Ciranda de Livros apresentando várias atrações para o público infantil. No plano internacional, a Fundação participou da Feira de Bolonha, da Bienal de Bratislava e da Feira Internacional do Livro Infantil e Juvenil do México.

Em 1986, a FNLIJ organizou uma comemoração pelo bicentário dos Irmãos Grimm, com apoio do consulado da Alemanha no Rio de Janeiro, da Lufthansa, do Instituto Cultural Brasil-Alemanha (Instituto Goethe) e da Biblioteca Nacional. O Festival Grimm compreendeu um concurso de monografia, seminário e exposição sobre os Irmãos Grimm e o Domingo da Fantasia. Nesse ano também a FNLIJ organizou um primeiro evento nos moldes do atual Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, a I Feira Nacional do Livro Infantil e Juvenil: O Mundo Maravilhoso do Livro, na Passarela do Samba. A feira teve o apoio do Sindicato Nacional de Editores de Livros/Snel, da Câmara Brasileira do Livro/CBL, das Secretarias Municipais de Cultura e de Esportes e Lazer e da Riotur, e reuniu 53 estandes para a venda de livros para crianças e jovens de diversas editoras e livrarias, além de outras atividades. Com o apoio do Cerlalc – Centro Regional para o Fomento de Livro na América Latina e o Caribe a FNLIJ desenvolveu o projeto Oficinas de Leitura, em seis estados brasileiros (Maranhão, Mato Grosso, Ceará, Santa Catarina, Espírito Santo, Goiás), com a preparação de professores, bibliotecários e recreadores para planejar e instalar outras Oficinas de Leitura para dinamizar e desenvolver o processo de leitura. Além de participar do 20º Congresso Internacional do

IBBY no Japão, a FNLIJ organizou uma exposição de livros brasileiros em Bogotá, Colômbia, com a presença de Eliana Yunes e Glória Pondé, apoio do Ministério das Relações Exteriores, da Varig e da Embaixada do Brasil e com a colaboração da Asociación de los Cafeteros, da Biblioteca Luís Angel Arango e do Centro de Estudos Brasileiros.

Em 1985, Glória escreveu e encaminhou uma proposta de criação de um programa de incentivo à leitura, baseado na experiência e na pesquisa desenvolvidas pela FNLIJ, para a Finep – Financiadora de Estudos e Projetos. Mais tarde, em 1991, o projeto teve forma trabalhada por Eliana Yunes e Elizabeth Serra e foi apresentado à Fundação Biblioteca Nacional como Programa Nacional de Incentivo à Leitura – Proler.

Em 1987, após a saída de Glória da Direção Executiva da Fundação, que foi extinta, passou a existir uma Secretaria Geral, nomeada pelo Conselho Diretor, formada por Eliana Yunes (secretária executiva), Sonia Gomes de Mattos Ferreira (secretária de planejamento) e Elizabeth D'Angelo Serra (secretária de administração).

Defensora da educação pública gratuita e de qualidade, Glória trabalhou na Faculdade de Letras UFRJ, onde foi uma das fundadoras do curso de especialização em Literatura Infantil, e, mais tarde, na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Em 1994, como Coordenadora do Projeto Centro de Leitura e Escrita da UFF, representou o Programa de Alfabetização e Leitura – Proale, ganhador do primeiro lugar do 1º Concurso Os melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens, na entrega dos certificados da premiação.

Em homenagem ao trabalho realizado na LIJ, Glória tem dois prêmios que levam seu nome, o Prêmio Glória Pondé, da Biblioteca Nacional, oferecido a cada ano à melhor obra de literatura infantil e juvenil, e o Prêmio FNLIJ Glória Pondé para o Melhor Projeto Editorial.

O Suplemento 51 desta edição do *Notícias FNLIJ* reproduz a apresentação realizada por Andrea Borges Leão, socióloga e professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará – UFC, nos Encontros Paralelos FNLIJ Petrobras, destacando a obra de Glória Pondé.



Adeus a Gian Calvi

É com pesar que a FNLIJ se despede de Gian Calvi, ilustrador e colaborador da instituição desde seus primeiros anos. O autor faleceu no dia 24 de julho, no Rio de Janeiro, aos 78 anos.

Calvi era um artista múltiplo que atuou na ilustração, publicidade, filatelia, literatura infantil e juvenil e educação.

Nascido em Bérgamo, na Itália, Gianvittore Calvi veio para o Brasil em 1949 e morou a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro.

Gian Calvi teve participação ativa na FNLIJ e logo no segundo ano de vida da instituição, em 1969, foi convidado por ela para representar o Brasil no júri da Bienal de Ilustrações de Bratislava – BIB. O ilustrador apresentou seus trabalhos na BIB em várias edições.

Para a 1ª Exposição Retrospectiva de Ilustração no Livro Infantil Brasileiro em outubro de 1972, Calvi cedeu os originais de *Os Colegas*, de Lygia Bojunga Nunes, livro premiado pelo Instituto Nacional do Livro em 1971, além dos originais de *A Toca da Coruja*, de Waldir Aya.

O ilustrador foi um dos representantes brasileiros no seminário em Buenos Aires organizado pelo Cerlal (Centro Regional para a Promoção do Livro na América Latina) em 1974, ao lado de Leny Werneck, da FNLIJ e Arnaldo Magalhães de Giacomini, da editora Melhoramentos, apresentando um audiovisual sobre a ilustração no Brasil.

No mesmo ano criou o cartaz do XIV Congresso do IBBY, realizado pela FNLIJ no Rio de Janeiro, além do catálogo da 12ª Feira do Livro de Bolonha e o Selo de Ouro do Prêmio FNLIJ O melhor para Criança, para ser colocado na capa do livro vencedor.

A contribuição de Calvi não se deu somente por meio de seu

trabalho como ilustrador. Ao lado de Laura Sandroni, ele foi co-autor do documento discutido durante seminário sobre edição de livros infantis e juvenis realizado em 1978 em Bogotá, que resultou no programa de coedição latino-americano, do qual no Brasil teve até hoje nove volumes publicados.

O ilustrador também coordenou com Laura Sandroni o seminário promovido pelo Cerlal, sob o patrocínio da Unesco, sobre edições de livros infantis em 1979, em Bogotá, Colômbia.

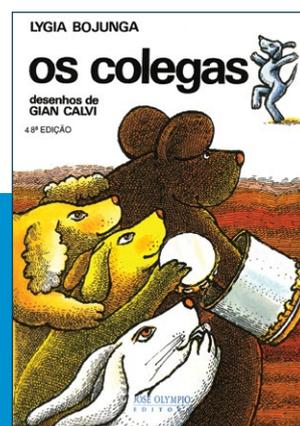
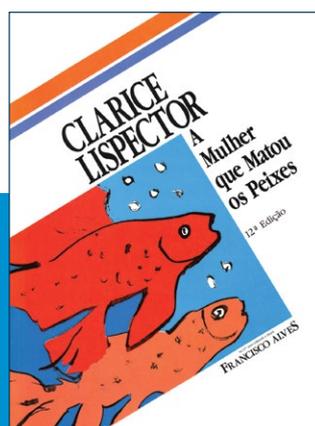
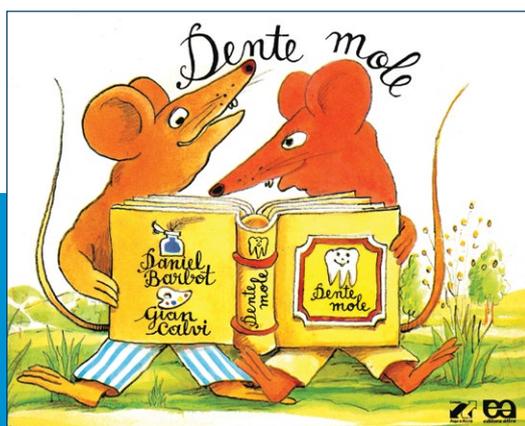
Para o projeto *Ciranda de Livros*, em parceria com a Fundação Roberto Marinho e a Hoechst do Brasil, Gian Calvi foi o responsável por todo o planejamento gráfico e ilustrações dos materiais de apoio e divulgação.

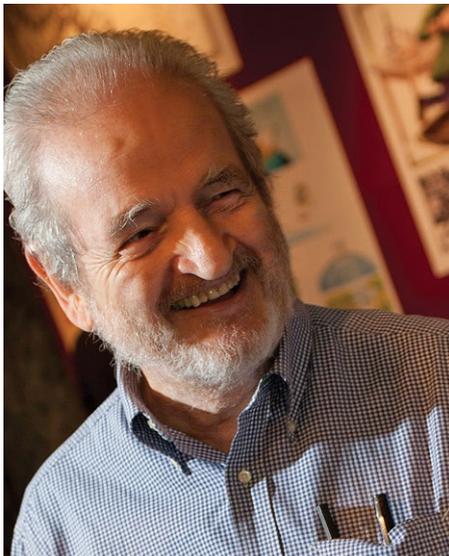
Na primeira mensagem do dia Internacional do Livro Infantil patrocinada pela FNLIJ, em 1984, com o texto *A Troca* de Lygia Bojunga, Calvi foi um dos jurados do concurso para escolher o ilustrador brasileiro do cartaz. A escolhida foi Angela Lago.

Além de seu trabalho como ilustrador, Calvi atuou como consultor em programas de desenvolvimento sócio ambiental e responsabilidade social para diversos organismos, por meio da empresa Ipê Amarelo Planejamento Gestão Educacional e Socioambiental, criada junto com sua mulher Lucila Martinez. O casal dedicou-se ao trabalho de promoção da leitura e da educação que tem no *Programa Adultos e Crianças Criativas* uma plataforma multimídia voltada para educação cujos projetos e produtos – livros, vídeos, /CDs, brinquedos e jogos – estimulam o lazer construtivo, o hábito da leitura e o desenvolvimento das potencialidades criativas.

Ao completar 50 anos de carreira, em 2011, o artista ganhou exposição no Centro Cultural Correios, no Rio de Janeiro e na Caixa Cultural em São Paulo. Com o título *Gian Calvi – 50 anos vendo as coisas de outro jeito*, a mostra celebrou sua premiada trajetória artística, abrangendo desde a produção gráfica e literária

Trabalhos de Gian Calvi apresentados na exposição *50 anos vendo as coisas de outro jeito*





até a participação na renovação da filatelia brasileira durante a década de 70.

No catálogo que acompanhou a exposição, Laura Sandroni, uma das fundadoras da FNLIJ, escreveu sobre a presença de Gian Calvi na Fundação a partir de sua criação, em 1968:

Desde as primeiras reuniões ele acompanhou de perto nosso trabalho com artigos sobre a importância da ilustração nos livros para crianças numa época em que esse aspecto, hoje primordial, era bastante negligenciado.

Gian Calvi deixou um legado de mais de 15 mil obras, desde capas de livros e revistas, cartazes e muitas outras peças. Como autor e ilustrador de livros para crianças, publicou mais de 130 títulos no Brasil e no exterior (França, Inglaterra, USA, Japão, Colômbia, México, Arábia Saudita), recebendo reconhecimentos e prêmios nacionais e internacionais.

O *Notícias FNLIJ* reproduz a seguir um artigo escrito pelo ilustrador no Boletim Informativo no 3 da FNLIJ em junho de 1969.



Algumas considerações sobre livro infantil | Gian Calvi

Cabe perguntar:

Quais as fórmulas e regras para se fazer um bom livro infantil, se ele é uma realização exclusiva dos adultos?

São os adultos, inteligentes ou não, entusiasmados ou negligentes, que criam este livro.

São os adultos que escrevem, ilustram e publicam livros para crianças, livros que serão comprados por outros adultos.

A criança só pode, portanto, esperar nossa boa vontade, esperar que lhe ofereçamos nestes livros, realmente, aquilo que desejamos lhe oferecer.

Subentende-se que nós temos que lhe oferecer o melhor de nossa inteligência, aplicada ao melhor do nosso mundo e à melhor de nossa arte, e que será paginado com bom gosto e bem impresso.

Subentende-se que o livro divertirá a criança, fazendo-a avançar, contribuirá no desenvolvimento dos aspectos latentes de sua personalidade, e ajudá-la a conscientizar-se de suas forças.

É essencial que ofereçamos à criança o melhor possível quanto a texto, desenhos e fabricação.

Será que é realmente este “melhor possível” que oferecemos à criança?

Observa-se que boa parte das obras editadas não corresponde às necessidades de linguagem estética solicitada pelo jovem leitor – o jovem leitor, este atingido pelas variadas formas de expressão e comunicação imposta em nossa época.

Esta necessidade de não admitir o convencionalismo da criação, a inadequabilidade do texto, a inexpressão artística, a mediocridade dos desenhos e a improvisação industrial.

O jovem leitor não deve encontrar no seu livro (quanto ao aspecto visual) uma transposição servil do texto, mas um estímulo intelectual através da imagem.

A imaginação, a enorme capacidade de viver intensamente os valores da

fantasia, da forma e do colorido, são qualidades deste jovem leitor.

Qualidades que se transformam numa chance ótima para o escritor e artista, juntos, completarem esta fantasia.

Esta chance ótima é, ao mesmo tempo, um compromisso.

Ninguém aceita com indiferença a forma de expressão de um artista. Ele deve forma à sua fantasia criadora, segundo obras clássicas (dando uma nova imagem estética a esta obra), ou se orientar no sentido de criar coisas novas que nossa época impõe em função de uma nova forma de pensamento.

Portanto, os critérios essenciais são a iniciativa criadora e o nível artístico da criação, aliados ao conhecimento das diversas circunstâncias estéticas e técnicas.

Esta soma de iniciativas criadoras, integrada ao processo educacional e de fabricação, faz com que o livro infantil seja realmente aquilo que gostaríamos de oferecer à criança em termos qualitativos, e faz com que este livro seja realmente um produto industrial, passível de ser fabricado em série e distribuído em grande escala.

Produto industrial este que contribui decididamente para o conhecimento da criança pela sua linguagem e forma.

Trata-se, portanto, de não somente ilustrar o texto, mas de, fundamentalmente, fazer a decoração do livro, e, num sentido mais amplo, iniciar o gosto pela sensação estética da criança, estimulando sua capacidade de verificação, sua reflexão lógica e sua comparação com o real (que despertará, por isso mesmo, sua fantasia).

Trata-se de estimular sua capacidade de descobrir e de combinar.

Trata-se, enfim, de estimular seu dom de poetizar.

SÉRGIO MACHADO | 1948–2016

Ao registrar o falecimento de Sérgio Machado, ocorrido em 19 de julho, a FNLIJ lamenta muito a perda do presidente do Grupo Record.

Aos 68 anos, Sergio comandava a editora fundada pelo seu pai, Alfredo Machado, e seu tio, Décio Abreu. Com a morte de Alfredo, em 1991, Sergio assumiu a Record e expandiu a empresa, comprando editoras e criando selos para diversificar o catálogo, que atualmente tem cerca de oito mil títulos. Ao completar 70 anos em 2012, o grupo se manteve como uma empresa nacional e é composto pelos selos Galera e Galerinha, além da Bertrand Brasil e o selo Difel; as editoras José Olympio, Civilização Brasileira, Paz e Terra, Verus, BestSeller (e o selo Best Business), as Edições BestBolso, Rosa dos Tempos, Nova Era e Viva Livros.

Seus catálogos possuem autores de LIJ da maior relevância, que receberam o Prêmio FNLIJ em diversas categorias,

além do selo Altamente Recomendável. A FNLIJ sempre contou com o apoio do Grupo Record, como mantenedor de longa data da instituição e participante da gestão da entidade, tendo Sônia Machado no Conselho Diretor e Curador em momentos anteriores.

Lembramos que Sérgio, como presidente do Snel - Sindicato Nacional dos Editores de Livros, tornou possível a presença da Fundação na VI Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro em 1993, com dois estandes doados pelo Snel e FAG Eventos Internacionais, onde montou uma biblioteca infantil modelo que recebeu o nome de Menino Maluquinho.

Sergio faleceu devido a complicações decorrentes de uma cirurgia feita em novembro de 2015 e deixa a mulher, Maria do Carmo, três filhas e três netos. Duas das filhas, Roberta Machado e Rafaella Machado, são diretora comercial e editora do selo Galera Record, respectivamente.



FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE – iBBY

Mantenedores Abacate Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Cereja Editora Ltda; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Doble Informática Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora DCL; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; B4 Editores; Editora Globo S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Florescer Livraria e Editora Ltda; Fund. Cult. Casa Lygia Bojunga; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; PwC; Publibook Livros Papeis S/A L&PM; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva Educação; SDS Editora de livros EIRELI; Sesi SP Editora; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Texto Editores Ltda – Leya; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Jornalista: Cristina Bacelar; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Impressão: PwC. **Gestão FNLIJ 2014-2017** Conselho Curador: Christine Castilho Fontelles, Celia Portella, Guilherme Zincone, Laura Sandroni, Leonardo Chianca e Wander Soares; Conselho Diretor: Isis Valéria (Presidente), Daniela Cajueiro e Marisa de Almeida Borba; Conselho Fiscal: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Regina Lemos; Suplentes: Anna Maria Rennhack e Jorge Carneiro e Roberto Leal; Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Amir Piedade, Annete Baldi, Bernadete Boff, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Mariana Zahar, Paulo Rocco e Silvia Gandelman; Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio



Glória Pondé: a literatura, o livro e o leitor

Gostaria de agradecer vivamente a FNLIJ o convite para compor uma mesa-redonda sobre o trabalho crítico de Glória Pondé e, muito especialmente, agradeço a confiança, gentileza e toda a disponibilidade de Lígia Vassallo em proporcionar o meu encontro com a obra publicada e inédita de Glória. Lígia vem se dedicando a um trabalho minucioso de arquivista: investigação, reunião, organização e digitalização do que hoje e, graças a ela, compõe o conjunto dos estudos críticos de Glória Pondé. Provando que sabe trabalhar com arquivos, foi Lígia Vassallo que fez, com afínco, a mediação entre a autora, textos e livros, e a mim, como leitora.

Há alguns anos de distância, quando me lancei na pesquisa da minha tese de doutorado em sociologia da cultura sobre as coleções oitocentistas de livros para crianças e repertoriei um corpus específico de ficção moral, li o estudo pioneiro de Leonardo Arrayo, *A literatura Infantil Brasileira*, cuja apresentação de Lourenço Filho vinha antecedida de interessante nota explicativa escrita por Glória Pondé, na reedição de 1989. Logo no início da nota, observa a autora o crescimento editorial da literatura para crianças e jovens e a conquista de um espaço cada vez maior na área acadêmica, nas escolas e entre as famílias então preocupadas com a formação de crianças leitoras. O momento a que se refere Glória, década de 1980, era o da modernização capitalista e da consolidação da indústria cultural no Brasil. A consequência inevitável da industrialização da cultura e, em especial, a do mercado do livro, seria a presença do Estado no papel de novo agente interventor, por meio das compras governamentais. Ora, o processo de modernização da cultura brasileira desenvolveu, no campo acadêmico e com nova roupagem, a temática da polarização entre o popular e o erudito e atualizou o debate sobre o confronto entre o livro nacional, escrito e produzido no Brasil, e o livro estrangeiro traduzido, de circulação ampliada. Sem tomar parte nos antagonismos e julgamentos de valor que pontuam a estruturação do mercado de bens simbólicos para crianças e jovens, Glória chama a atenção do leitor para o critério de análise adotado por Arroyo: conectar comparativamente o inventário crítico da produção literária brasileira, desde o período colonial à década de 1960, aos movimentos culturais que aconteciam no exterior do país. Parecia-lhe não restar dúvida de que a importação

de clássicos do patrimônio universal e a presença do livro traduzido e adaptado por escritores brasileiros de renome, a exemplo das coleções das Edições Melhoramentos, nos anos 1920, das Edições de Ouro, nos anos de 1960, assim como o boom da editora Ática nos anos 1970, estimularam a produção nacional. É válido destacar que a defesa do produto nacional muda de teor no movimento da história. Glória Pondé oferece ao leitor estas pistas nas entrelinhas de sua nota introdutória. Hoje, esta observação levaria à problemática da internacionalização da esfera literária infantil e juvenil e, por conseguinte, da profissionalização do escritor em circuitos transnacionais e, num contrafluxo, provocaria uma reflexão sobre a presença da literatura brasileira no exterior.

Esta é uma primeira observação sobre os horizontes abertos por Glória Pondé. Toda e qualquer consideração sobre a história e desenvolvimento da literatura e do livro infantil no Brasil, a meu ver, deve levar em conta que o tempo das letras tem uma lógica própria, requerendo periodizações mais longas para a compreensão das atualidades. Para esta mesa-redonda, gostaria de propor um corte transversal nos estudos críticos da autora. O objetivo é apresentar as múltiplas possibilidades e direções de leitura abertas pelo conjunto da obra de Glória Pondé, dialogando com a sua concepção diferenciada, ampla e complexa do livro e da literatura infantil. Para ela, o significado dos contos, poesias e romances não se reduziria ao funcionamento autônomo da linguagem ou exclusivamente às intenções dos escritores, ainda que Glória, em algumas passagens, reivindicasse a hermenêutica como referencial analítico. O fato literário estaria sempre vinculado ao trabalho dos mediadores (sobretudo das professoras) e às práticas das crianças leitoras (sobretudo nas salas de aula), como um sistema conectado entre autor, obra e público, lembrando Antônio Cândido. Ou melhor, a hermenêutica reivindicada por ela funciona como um movimento de abertura para as diferenças culturais no processo de compreensão leitora.

Situados sob essa ótica, os estudos críticos de Glória destacam-se por realizar uma leitura da literatura infantil brasileira a partir da circulação e recepção dos textos, priorizando os gêneros preferidos pelo público. A literatura infantil é por ela pensada, antes de tudo, como uma comunicação social ou modalidade de linguagem destinada

às primeiras leituras das crianças e jovens, mas também de adultos em processos de iniciação leitora. Ademais, a justificativa dos critérios de escolha das obras e autores para análise é fundamentada, no conjunto da obra de Glória, pela ampla aceitação e permanência no gosto de gerações de leitores. Pode-se afirmar que o seu modo de ler o objeto literário parte do “ponto de vista do leitor”. Os trabalhos de Glória nos programas de formação de leitores, a exemplo do programa *Ciranda de Livros*, realizado entre 1982 e 1985, bem justificam este recorte. Vejamos como aborda o leitor e a leitura no ensaio intitulado *Uma fita verde sobre um chapuzinho vermelho*, em torno de um conto de Guimarães Rosa e que está no livro *Le conte et la ville. Études de littérature portugaise et brésilienne*, publicado na França, em 1998: “O século xx vivenciou os fenômenos da comunicação de massa e da informática, que alargaram as concepções de literatura e os modos de ler da época anterior. Ampliou ainda o público e a noção de autoria, atribuindo-a também ao leitor, que deve estar em constante cooperação com o texto, para lhe dar significado no ato da interpretação”. Um ponto de mutação na prática de leitura é apontado por ela como a justaposição de textos e mensagens oferecida pelo *zapping* da televisão. Para o leitor em iniciação, o interesse em continuar a leitura surge do encontro entre o mundo do livro e o seu próprio mundo. Mas, Glória adverte, antevendo as dispensas das mediações críticas, que a liberdade irrestrita do leitor sobre o texto pode levar a uma tremenda confusão. Hoje, o jovem leitor é convocado, nos *blogs* e redes sociais, a cumprir função crítica. O orientador da leitura literária, pelo contrário, não poderia ser dispensado, mas apresentar a “possibilidade de habitar o mundo da literatura, a partir da analogia de imagens capazes de suscitar o interesse do leitor em empreender uma viagem existencial”.

Para a autora, as práticas do magistério e as atividades universitárias eram os “alimentos” de suas pesquisas e publicações, conforme declara no memorial acadêmico que apresentou para o concurso de professor titular no Departamento de Teoria e Prática da Universidade Federal Fluminense, em 1993. Não por acaso, elegeu a sala de aula como um campo de investigação, e, com isso, elaborou uma reflexão sobre as práticas de leitura na infância, incluindo a entrada das “novas tecnologias” e das “novas mídias”, bem como a preocupação com a poder de influência dos meios de comunicação de massa entre o leitor e o livro impresso. Esta problemática encontra-se na tese de doutorado intitulada *Personagem e Leitor. A Identidade da Criança na Literatura Infantil*, defendida em 1986, na Coordenação de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1986.

Em *Personagem Leitor*, destinado a Rafael, Gustavo e Isabel, que ajudaram a autora a “ver o mundo com os olhos de criança”, definindo um ângulo de análise, encontra-se

uma apresentação detalhada da produção literária dos anos 70. Nesta conjuntura, Glória destaca a geração de escritores e ilustradores nacionais que se dá como missão “resgatar as nossas raízes culturais”, e que usava como estratégia para fazer frente ao sucesso dos best-sellers traduzidos “alguns recursos típicos da comunicação de massa, procurando atrair o leitor pelo emprego de uma linguagem acessível a ele (...)”, inovando com a criação de textos coloquiais, fáceis de assimilar. Ilustrativo é o *boom* da literatura quadrinizada. Por isso, justifica Glória, escolheu para a pesquisa de tese os anos de 1970, período privilegiado para o estudo do diálogo “eficaz entre a oferta da produção e a recepção do público”. A autora tinha o propósito de estudar as representações da criança em obras que propunham uma visão dialética do momento e que conseguiram contornar a censura do governo autoritário transmitindo mensagens contestadoras ao público de leitores. Note-se que Glória se referia a todo o repertório temático das obras produzidas, as eruditas e populares, as que hoje, se olhadas retrospectivamente, são classificadas em pares antagônicos, como canônicas ou não, pode-se dizer, ilegítimas. Na tese, conhecemos um rico quadro da produção editorial brasileira de literatura infantil e juvenil entre os anos de 1974 e 1980, com o número de títulos publicados, nacionais e traduzidos, nos diversos gêneros da edição, ao lado do número de exemplares vendidos. O que estava em jogo era a relação da criança com o livro. Importava analisar as práticas de escrita voltadas para o público: “o critério de seleção dos textos foi, pois, a aceitação do público, atestada pelas reedições, o caráter inovador, sua relevância no conjunto da obra do escritor e a representatividade no panorama literário da época”. Na prosa de ficção, a escolha abrangeu os escritores Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Orígenes Lessa (que hoje não nos diz tanto), Ziraldo, Marina Colasanti e Joel Rufino dos Santos. Na poesia, a escolha recaiu sobre Cecília Meireles e Vinícius de Moraes. Esta escolha por si só já inventa uma genealogia.

Esta geração, reposicionando o escritor no mundo da cultura, se reivindicava herdeira da revolução simbólica operada por Monteiro Lobato. Não se pode perder de vista que o momento era de forte censura e que uma saída era escrever para crianças.

E Glória, que também fazia parte da geração de produtores, escritores e mediadores críticos dos anos 1970 e 1980, segue indagando sobre a modernidade brasileira. Antes de tudo e na sua visão, a nossa modernidade assimilou a tradição, a mitologia e a cultura popular. O objetivo primordial da literatura produzida nos anos 1970 foi despertar o gosto pela leitura “de uma forma lúdica e prazerosa, e levar o leitor a um posicionamento crítico sobre si mesmo e sobre o mundo circundante”. Glória, ao mesmo tempo, testemunha e reflete sobre a revolução simbólica operada pela

literatura infantil brasileira que ousava romper, por meio do trabalho do elenco de escritores estudados, com moralismos, em relação aos costumes, e com convenções e velhos esquemas narrativos, em relação aos modos de escrita. Só assim a leitura, para a criança, deixaria ser uma experiência pedagógica reflexiva e passaria a ser uma experiência estética. Penso que este é o momento em que a literatura infantil brasileira conquista um lugar na literatura e os escritores que se dedicam a ela começam a se autorepresentar como escritores, dando um passo decisivo no processo de profissionalização.

Outro ponto importante na obra da autora é a observação, *avant la lettre*, do quanto os meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão, se bem utilizados poderiam colaborar na difusão e valorização do livro destinado às crianças. Os meios, entretanto, poderiam causar em leitores consumidores de mercadorias efeitos de assimilação acrítica da ideologia dominante. Esta discussão se objetiva melhor no trabalho *O Renascimento de Vênus. A Mulher na Literatura Infantil*, assinado como um livro inédito. Vale lembrar que, no período, os meios de comunicação de massa eram pensados como fortes concorrentes dos impressos. Um traço marcante *do corpus* de escritores e obras eleitas por Glória é um forte diálogo intelectual com o seu próprio tempo: a crítica à uniformização dos valores promovida pelos produtos da indústria cultural. O posicionamento crítico levava os escritores à busca de uma identidade nacional na contraposição da cópia, da imitação, da dependência e do colonialismo cultural moderno. Ora, oferecer qualquer livro às crianças, por mais sedutores e fáceis de ler, traduz conjunturas de forte iletrismo, marcadas por pouca instrução e muita incompreensão dos textos escritos.

É certo que em nosso país continuamos a enfrentar o desafio de formar leitores, o que não significa abrir mão, como advertia Glória Pondé, da exigência literária em relação ao texto escrito. O importante é que, para a autora, a modalidade de linguagem construída pela literatura infantil era de inclusão, jamais de exclusão, agregando as crianças aos mediadores adultos, pais, mães e professores, nas apropriações do livro. Só assim, a criança leitora, prevista como personagem, seria uma protagonista do texto, colaborando vivamente para a construção do sentido imaginado pelo autor. Ou melhor, a criança entraria em um pacto de credibilidade e mútua confiança com o autor que, por sua vez, possibilitaria uma relação intersubjetiva com o texto. Na prática de leitura, uma criança também poderia tomar decisões interpretativas.

Outra contribuição decisiva de Glória Pondé para os estudos literários é a centralidade conferida à obra de Orígenes Lessa. Para ela, uma referência na diferenciação e conquista de legitimidade da esfera literária infantil e juvenil brasileira. O escritor foi objeto de sua dissertação de

mestrado *Quem tem medo da onça pintada? Liberdade e repressão na literatura infantil de Orígenes Lessa*, defendida na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1978. Lessa, de quem Glória se tornou próxima, foi protagonista de um “projeto de nacionalização” da literatura infantil, ao lado de Monteiro Lobato, representando o encontro com a memória coletiva, com a poesia popular, a carnavalização e o cômico, realizando uma crítica social e política por meio do humor e da ironia. A obra de Lessa encarna o espírito do movimento de renovação para o qual a leitura literária possibilitaria ao leitor entrar em contato com a sua própria tradição cultural, com a literatura de cordel e com heróis espertos e corajosos, crianças ou animais. O leitor de Lessa igualmente tomaria contato com as desigualdades sociais que marcavam a sociedade autoritária, “representada pelos adultos e pelo sistema político dominante”. E, com isso, a crítica social tinha como efeito a produção de um sentimento de pertencimento à nação brasileira. Fora das imposições morais, a leitura literária contribuiria para deslocamentos de sentidos.

A dissertação sugere que os estudiosos da literatura infantil e juvenil não se davam conta da importância de Orígenes Lessa. Em artigo provavelmente datado do ano 2000, Glória nos conta que a criança o descobriu antes mesmo da crítica especializada, sendo ele já um escritor maduro e experiente no universo literário adulto: “A semente, plantada precocemente, hibernou durante o reinado quase absoluto de Lobato e só veio a germinar muitos filhotes a partir de 1970, quando reescreveu o livro de 1932 e intitulou -o *Memórias de um cabo de vassoura*, obtendo uma repercussão tão retumbante junto à criançada que motivou uma variada produção de quase trinta títulos”.

A originalidade do projeto de Orígenes Lessa reside no universo simbólico que conseguiu criar. Nele, o bem convive com o mal nas ações dos personagens, levando o leitor a tomar contato com a ambivalência. Afinal, o mesmo se passa na vida adulta. Posteriormente, Lessa, um mestre no conto infantil que sabia fazer crítica social com o humor da fábula, foi consagrado pela eleição para a Academia Brasileira de Letras. Uma importante questão levantada pela autora pode ser formulada, hoje, nos seguintes termos: quais foram os caminhos da emancipação – as direções tomadas, seguindo ou não os caminhos de Monteiro Lobato – da literatura infantil no Brasil?

Para finalizar, gostaria de lembrar o recorte de gênero que Glória Pondé estabeleceu na história da literatura infantil brasileira, de modo também pioneiro. Esta questão somava-se aos temas da ecologia, da literatura infantil e o meio ambiente, e às atividades editoriais voltadas para a difusão das culturas oprimidas, onde se destaca a coordenação da publicação da série *África*, agraciada com vários prêmios e traduzida na América Latina, Alemanha e



Andréa Borges Leão é pesquisadora do CNPq, Bacharel e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Realizou estágio pós-doutoral em História Cultural no CRBC, da École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, sobre as coleções literárias infantis da Livraria Garnier e no Centre d'Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines, da Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, sobre as edições brasileiras de Sophie de Ségur e Jules Verne. Em 2016, cumpriu estágio de pesquisa no GEMASS, da Université de Paris, Sorbonne, sobre educação moral, raça e literatura nas trocas entre o Brasil e a França, tendo como supervisor Philippe Steiner. É professora do Departamento de Ciências Sociais e do PPGS da Universidade Federal do Ceará.

Texto apresentado nos Encontros Paralelos FNLIJ Petrobras A voz e os ecos: Glória Pondé e a Literatura Infantil do 18º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, em junho de 2016.

Estados Unidos. Deste modo, Glória contribui para a formação de comunidades internacionais de leitores da literatura infantil brasileira.

A investigação sobre o papel da mulher como mediadora, produtora e transmissora de cultura, desde tempos passados até o presente, afirmava um uso político da memória como criação e resistência. Estudar a literatura destinada à criança sob o ângulo da hermenêutica e do pós-modernismo, que previa outras modalidades de apropriação dos textos, conduziu Glória a privilegiar o trabalho das escritoras e a recortar as imagens do feminino nas suas obras. O elenco de cinco escritoras brasileiras – Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Lygia Bojunga Nunes, Sylvia Orthof e Marina Colasanti – foi composto pelo critério do sucesso nas vendas, que para a autora era mais que mero consumo, mas a expressão do reconhecimento do público, confirmando o ponto de vista do leitor privilegiado nas suas pesquisas e estudos críticos.

Referências

- ARROYO, Leonardo. *A literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Melhoramentos, 1989.
- PONDÉ, Glória. *Quem tem medo da onça pintada? Liberdade e repressão na literatura infantil de Orígenes Lessa*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1978.
- PONDÉ, Glória. *Personagem leitor. A identificação da criança na literatura infantil*. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira, apresentada à Coordenação de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986.
- PONDÉ, Glória. *Retalhos femininos. Tecendo a mulher profissional no fim do século XX*. Apresentado como parte dos requisitos para a inscrição em concurso de professor titular, Departamento de Teoria e Prática de Ensino, Universidade Federal Fluminense, área de Didática de Português Literaturas, 1993.
- PONDÉ, Glória. *Uma fita verde sobre um chapéu vermelho*. In: Quint, Anne-Marie. *Le conte et la ville. Études de littérature portugaise et brésilienne*. Cahier Crepal, n. 5, Paris, Presse de la Sorbonne Nouvelle, 1998, p31-44.
- PONDÉ, Glória. *O Renascimento de Vênus. A Mulher na Literatura Infantil*.
- PONDÉ, Glória. *A permanência da obra de Orígenes Lessa*. Texto inédito.



ENCARTE NOTÍCIAS 08 | AGOSTO 2016

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO
INFANTIL E JUVENIL

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra